



CINEMA PARADISO

Boletim n. 367

São Paulo, 05 de setembro de 2014.



Próxima Reunião: 14/09/2014 - domingo às 16 h

MAIS UM ANO (Another Year)

Direção de Mike Leigh (*)

(*) Nasceu em Salford, Inglaterra, em 20/02/1943. Dentre seus filmes, destacamos *Segredos e Mentiras* (1996), *Agora ou Nunca* (2002), *O Segredo de Vera Drake* (2004), *Simplesmente Feliz* (2008) e *Mais um ano* (2010).

Universo Andersoniano (Conclusão?)

O universo andersoniano que é constituído da “matéria cinematográfica colorida andersoniana”, que, quando aglomerada cria sua mágica, seu mundo, sua cores e etc, será mais uma vez explorada neste texto. Iremos até a costa da Nova Inglaterra, a ilha de New Pezance e lá olharemos de perto um de seus melhores resultados, *Moonrise Kingdom* (foto). Em outro momento iremos desbravar o oceano junto com Steve Zissou, em uma viagem a la Jacques Cousteau, em *A Vida Marinha com Steve Zissou*.



Moonrise Kingdom (2012) foi o segundo filme de Anderson a que assisti (o primeiro foi *Viajem a Darjeeling*, de 2007). Lembro que, ao terminar, pensei: “como esse cara conseguiu fazer isso?”. Com um roteiro que parece simples, mas nada simplório, Anderson conduz um filme que julguei insuperável (até ver *Grande Hotel Budapeste*, que me tomou de assalto, mais uma vez). Com mais uma parceria com seu fiel escudeiro Roman Copolla, eles criaram a mais saborosa aventura sobre o ímpeto do primeiro amor, e nos fizeram relembrar nossas inconseqüências juvenis esquecidas ou encobertas pelos véus da maturidade.

Longe de ser uma comédia, o filme é perfeito em situações excêntricas, com cores de Anderson (lembra o trabalho com cores que Almodóvar realiza em seus filmes), uma trilha fantástica (atenção à música que o menino e a menina dançam na praia) e a já carimbada fotografia de sua obra, que, neste filme, alcança seu ápice. Escolha perfeita de elenco e situações fazem do roteiro um dos melhores do diretor. Anderson sorri para nós e vemos este sorriso durante 94 minutos de filme. Seus bonecos estão lá: Edward Norton, Bill Murray, Tilda Swinton, Jason Schwartzman. Enfim, seus brinquedos que dão vida às suas histórias. Para encerrar, uma curiosidade: “Moonrise Kingdom” é o nome da enseada aonde as crianças acampam quando fogem, é o nome que será dado ao lugar deles. Quem nunca criou um lugar especial para onde fugir com seu amor?

Já que estamos na praia, vamos ao alto mar em *A Vida Marinha com Steve Zissou* (*The Life Aquatic with Steve Zissou*, 2004) este é o trabalho em que Anderson diz a que veio e o que é seu

mundo. Steve Zissou (Bill Murray) é o alter ego do diretor. O filme narra a história de um cineasta que faz filmes sobre aventuras oceanográficas, mas a qualidade destes está para relatos sobre a vida marinha assim como o Papa está para a lambada. Os filmes de Zissou não só beiram o ridículo, como são produções mambembes e alvo corriqueiro da crítica especializada. Sempre a bordo do navio Bellatore ou de seu Yellow Submarine, ele desbrava o oceano com sua tripulação, perseguindo criaturas que ninguém nunca ouviu falar, como o tal tubarão-jaguar, que, no primeiro episódio, Zissou afirma ter devorado um querido amigo seu.

Os filmes de Zissou têm enquadramentos fixos e roteiros absurdos. Seria uma sátira sobre cinema, se não fosse um filme andersoniano. Este é o quarto filme de sua carreira, e é nele que o diretor ri de si mesmo. É uma demonstração de como ele percebe a crítica da época, pois na história os críticos são os maiores inimigos do cinema de Zissou, mas que não o fazem desistir de continuar. A trilha é no melhor estilo Zissou, são versões toscas, e em português, de músicas de David Bowie, na voz e no violão do tripulante “Pelé dos Santos”, interpretado pelo artista brasileiro Seu Jorge.

Como sempre aqui estão as figurinhas carimbadas de Anderson: Bill Murray, Owen Wilson, Willem Dafoe. Anderson (e Zissou) cria neste filme a certeza de um cinema que não vem para agradar aos críticos, mas para trazer algo novo a todos. Os mesmos que apontaram o dedo para esse universo, hoje torcem por cada filme novo do cineasta.

Wes Anderson é um cineasta que criou um estilo próprio, uma marca cinematográfica que está ali, entre a comédia e o drama. É justamente neste meio que reside a genialidade de sua obra inclassificável. Com enquadramentos assimétricos, câmeras lentas em momentos específicos, luz, cores, elenco afinado, fotografia e roteiro munido de muita sensibilidade, Anderson finca sua bandeira no terreno do cinema visionário. O cinema deste diretor me inspirou a brincar com termos pouco usuais e criar o “matéria cinematográfica colorida andersoniana” designado no texto, do que é feito o universo de Anderson. Acredito e sinto permear as possibilidades futuras de um cinema lúdico: o novo, bonito e elaborado, marcas de Wes Anderson.

Chegamos ao fim?

Não sei, pois ainda temos: *Pura Adrenalina* (*Bottle Rocket*, 1994), *Três é Demais* (*Rushmore*, 1998), *Os Excêntricos Tenenbauns* (*The Royal Tenenbauns*, 2001) e a animação *O Fantástico Senhor Raposo* (*Fantastic Mr. Fox*, 2009), todos no universo andersoniano. Quem sabe em outro momento...

Robledo Lira

Trabalho de Mestre - sobre *O Melhor Lance* de Giuseppe Tornatore

Virgil Oldman (Geoffrey Rush) é um homem estranho. Dono de um talento raro, ele identifica obras de arte que tenham mais que a assinatura de um grande artista, que tenham sua alma projetada nelas. Esse talento faz dele mesmo um artista, com todas as idiossincrasias que nos acostumamos a achar normais nos artistas, como ter "TOC" (Transtorno Obsessivo Compulsivo) ou ser um déspota.

Como um ser um tanto inadequado para viver em sociedade, ele aprendeu a "flanar" sobre ela usando seu dom para sobreviver, se defender e, como bom órfão a quem foi negada a vivência do amor e da humanidade, conseguir o que pôde entender como afeto: o prazer de apreciar essas almas e amá-las em retratos de mulheres. Virgil ama a alma do artista capturada na obra de arte, que lhe dá vida própria.

Tornatore coloca o personagem como alguém intocável, um "vencedor", dando-nos a fácil opção de antipatizá-lo e de julgá-lo como um ladrão que rouba pessoas que lhe chegam em confiança. Mas ao longo do filme, para olhares atentos, há elementos que complexificam esse julgamento, como os segundos dedicados a explanação de sua origem pobre, ou as cenas que mostram seus clientes como herdeiros ignorantes, que parecem nunca terem apreciado as obras que passaram a ser suas, que apenas têm olhares para os números que possam vir delas, suas assinaturas. Se os donos dessas obras não entram em contato com seu valor artístico intrínseco, enquanto representação de uma alma, um tempo, uma sociedade ou de valores humanos, será que eles realmente as merecem? Fica também bastante claro que em nenhum momento as obras que Virgil avalia serão compartilhadas com a sociedade de um modo mais amplo, como em museus, indo de uma coleção particular a outra, igualmente particular, o que torna desconfortável também o alinhamento do espectador com os herdeiros.

Para montar sua coleção particular (suas mulheres), de modo escuso, ele conta com a ajuda do amigo Billy (Donald Sutherland), um artista sem talento, cujas obras não refletem alma alguma. Perguntamos, em certa altura do filme, o que os mantém unidos por décadas a fio. E a resposta pode estar no dinheiro, nas falcaturas pelas quais Virgil adquire suas mulheres e Billy, altas somas em dinheiro. Mas talvez o que os mantenha unidos não seja outra coisa que não afeto, porém não o afeto que constrói.

Virgil é completamente cego para as motivações (ganância e, talvez, o desejo de vingança) que tomam conta do amigo, como se, do mesmo modo que retira as luvas para tocar com a pele nua apenas uma obra de arte, seus olhos só fossem capazes de ver uma alma projetada nos quadros, e não encarnada. Billy é um artista que não se conforma com o julgamento de Virgil sobre seu talento, e sofre com amargura e ressentimento veladamente. E esse ressentimento é tal que servirá de motivação para descobrir o seu real talento: inteligência, sensibilidade e habilidade para arquitetar e orquestrar um plano cruel, que não deixará nem as memórias de Virgil intactas.

Será necessário identificar o melhor, o mais frágil ponto para ser o centro de um plano que capture a vítima de modo completo. Billy percebe que a falta de amor na vida de Virgil pode ser apropriada, pois o amigo muito astuto não pode perceber a teia que se arma. Para isso, Billy concebe um espelho de Virgil criando uma personagem que seria uma versão feminina dessa alma sofrida, talentosa, astuta e ainda mais do que ele, incapaz de habitar o mundo comum. Essa

personagem é apresentada como uma herdeira inteligente, abandonada, atrapalhada, e por fim, doente e linda. Essa personagem, como as mulheres de Virgil, se esconde "dentro das paredes" e não se deixa ver por ninguém. Para assessorá-la há a distração da razão, a herança e o autômato. O conhecimento de Virgil manterá sua mente ocupada e o caminho do coração fértil pela sua curiosidade, pelo desafio ao seu *status* de autoridade, por sua arrogância em achar que pode "salvar" a donzela de seu claustro. Toda a simbologia do herói que se re-constrói na



metáfora do autômato resgatado aos pedacinhos é simultânea à metáfora da mulher enclausurada na torre. O plano, a percepção dos detalhes, o cuidado com cada um deles, incluindo um tutor à moda "Don Juan" (Robert, o personagem de Jim Sturgess) tudo delicadamente amarrado, é artístico.

Billy, e sua equipe cuidadosamente escolhida, roubam de Virgil mais do que sua coleção de obras de arte, seu dinheiro ou seus valores, mas tudo que ele havia conhecido desta vida; – e isso é terrivelmente cruel porque ele o faz ao ensinar Virgil a amar – incluindo, no "acervo" roubado, o amor recém aprendido e a traição.

Sutherland (Billy) fez um papel parecido em outro filme que envolve roubo e um grande golpe, **Uma Saída de Mestre** (*The Italian Job*, 2003, Direção de F. Gary Gray, Roteiro de Troy Kennedy-Martin, Donna Powers e Wayne Powers), com roteiro também excelente. Mas enquanto neste o tom é de alegria, aventura e vitória, a película de Tornatore nos traz melancolia e tristeza.

O que há de tão diferente entre os dois? A premissa. Em **Uma Saída de Mestre**, igualmente não há ladrões e honestos; são todos ladrões, mas a premissa é que pessoas são roubadas e traídas, com enormes perdas, por um personagem que sequer tem autenticidade em seus desejos, pois copia e inveja a todos indiscriminadamente. Essas pessoas se vingarão do ladrão usando todos os recursos disponíveis para lhe causar dor profunda. Já em **O Melhor Lance**, a premissa está no ressentimento de Billy, cuja arte - julgada por Virgil como sem valor - não o moveu para aprimorar-se ou buscar outras avaliações, mas o motivou para orquestrar genialmente um plano que deixa apenas duas opções para o amigo lesado: tentar reaver algo do valor roubado, ou preservar a única coisa que não lhe foi tirada: a esperança de que o amor vivenciado tenha sido real. Através dessa esperança, Virgil talvez pudesse preservar alguma lembrança de seu aprendizado de algo real e não idealizado que, apesar de tudo, ainda teria valido a pena.

Tornatore mostra-nos quão cruel o ser humano pode ser quando motivado por ressentimento e outros sentimentos sombrios. Não é uma lição nada leve; é um peso enorme, triste e melancólico.

Cristina Cortizo, com revisão de Jussara Almeida

Edição / Diagramação:

Cláudia Mogadouro / Janete Felix Palma / Marcos Paulino
E-mail: claudiamogadouro@gmail.com

FUNDO FINANCEIRO DO GRUPO CINEMA PARADISO

A doação voluntária, para as despesas anuais pode ser feita em qualquer valor, mas pedimos que, ao depositar, nos avise no e-mail: estherstiel12@gmail.com A conta de poupança é:
Banco: Caixa (104), ag. 0239, op. 013, nº da conta 8247-5

COTAÇÃO 2014

<i>O Menino e o Mundo</i>	9,50
<i>O Melhor Lance</i>	9,38
<i>Ela</i>	9,13
<i>A Grande Beleza</i>	8,93
<i>Getúlio</i>	8,70
<i>O Mercado de Notícias</i>	8,63
<i>12 Anos de Escravidão</i>	8,60
<i>Pais e Filhos</i>	8,52
<i>Hoje eu quero voltar sozinho</i>	8,47
<i>Instinto Materno</i>	8,44